

**SONHO DE GARIMPEIRO É DIAMANTE NO *PICUÁ*:
TERRITÓRIO E TRABALHO NOS GARIMPOS DE
DIAMANTES EM COROMANDEL/MG**

**DREAM OF MINERS IT DIAMOND IN THE *PICUÁ*:
TERRITORY AND WORK IN THE MINES DIAMOND
COROMANDEL/MG**

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves¹
ricardoassisgeo@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça²
ufgmendonca@gmail.com

RESUMO

O artigo possui como centralidade compreender a (re)organização do território e do trabalho em áreas de garimpos de diamantes no município de Coromandel/MG. A metodologia usada baseia-se no levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. Em campo, priorizamos procedimentos como entrevistas, observação e diário de campo, além do uso de equipamentos como máquina fotográfica, filmadora e Sistema de Posicionamento Global (GPS), necessários para a obtenção de informação e dados. A partir da década de 90 do século XX questões como o fortalecimento das leis ambientais e trabalhistas, interdição de garimpos, ação de empresas transnacionais, organização dos garimpeiros em cooperativas e mecanização da atividade tem gerado rápidas mudanças, com rebatimentos nas relações de produção e trabalho nas áreas de garimpos de diamantes no município de Coromandel/MG.

PALAVRAS-CHAVE: Garimpeiros; Território; Trabalho.

ABSTRACT

The article has as a central understand the (re) organization of the territory and work in the diamond mining areas the City of Coromandel / MG. The methodology used is based on literature and field research. In the field, prioritize procedures such as interviews, observation and diary, and the use of equipment as camera, camcorder and System Global Positioning (GPS) required to obtain information and data. From the decade of the 90th century issues as the strengthening of environmental laws and labor, prohibition of mines, action transnational companies, organization of miners into cooperatives and mechanization of activity has led to rapid change with repercussions in the relations of production and work in the areas of mining of diamonds the City of Coromandel / MG.

KEY WORDS Prospectors; Territory; Work.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM.

² Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM.

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão é constituída por resultados preliminares sobre as relações de produção e trabalho nos garimpos de diamantes do município de Coromandel/MG, situado no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. O artigo tem como centralidade compreender a (re)organização do território, as transformações implementadas nos garimpos de diamantes e os rebatimentos desse processo no âmbito do trabalho dos garimpeiros, a partir dos anos 90 do século XX em Coromandel/MG.

A pesquisa é baseada em procedimentos metodológicos qualitativos, mediante as seguintes etapas: *Pesquisa documental*: incluiu o levantamento bibliográfico, baseado na identificação de livros, artigos científicos, dissertação e teses que tratam sobre o tema proposto, bem como, o resgate de informações históricas e levantamento de dados em órgãos públicos, cooperativas e outras instituições. *Documentação direta*: consistiu na realização de pesquisa de campo em áreas de garimpos de diamantes na Comunidade de Santo Inácio, por concentrar o maior número de garimpeiros manuais, garimpos mecanizados e também pela presença de empresas privadas que atualmente estão atuando no município de Coromandel/MG, além disso, é onde se encontra a área requerida pela Cooperativa dos Garimpeiros da Região de Coromandel (COOPERGAC) para a exploração de diamantes.

Em campo, para o levantamento de informações, priorizamos técnicas qualitativas como entrevistas, observação e diário de campo, além do uso de equipamentos como máquina fotográfica, filmadora e Sistema de Posicionamento Global (GPS). Também estabelecemos contato e entrevistamos “velhos” garimpeiros que deixaram o garimpo e vivem na cidade (Coromandel/MG), com o objetivo de entender a partir da memória desses sujeitos, como era a vida no garimpo, o trabalho, o sonhos, imaginários, saberes que permeiam a atividade garimpeira e ainda fazem parte da produção da existência desses sujeitos.

“*Garimpo é como um jogo, por isso tem que ter sorte, se estiver com as peneiras dentro da água lavando o cascalho, de uma hora pra outra o diamante sai e a vida muda assim, de repente*”, nos disse um garimpeiro. Garimpeiro, sujeito esperançoso e, quando pega diamante sempre têm o *picuá*³ no bolso pra guardar a *pedra*, afirma o mesmo garimpeiro. Para ele, garimpo também é uma coisa artificiosa e a sorte pode ser aumentada se o sujeito tiver um *picuá* feito com osso de canela de lobo e um

³ *Picuá* é uma espécie de porta-diamante. Uma peça oca onde o garimpeiro guarda o diamante. Praticamente todo garimpeiro tem o seu. Ele pode ser feito com um pedaço de bambu, canela de lobo, semente de jequitibá, chifre ou cano com o fundo e a tampa de madeira. O *picuá* de canela de lobo é raro e segundo os garimpeiros em Coromandel/MG, ele traz sorte no garimpo.

pedaço de couro do *bicho* (lobo) guardado, isso influencia e ajuda a *atrair a pedra* (diamante), garante o mesmo sujeito.

Sonho, intuição e esperança são questões intrínsecas ao garimpeiro em seu labor cotidiano no garimpo. O trabalho dos garimpeiros de diamantes é eivado por significados, imaginários e racionalidades que envolvem saberes-fazer, característicos do ser social garimpeiro, envolvendo as sociabilidades construídas historicamente através das relações de trabalho no garimpo de diamantes.

Durante quase dois séculos o garimpo de diamantes no município de Coromandel/MG atraiu a esperança de centenas de sujeitos que passaram a embrenhar em matas, serras, rios, córregos e morando em ranchos, envolvidos com a garimpagem, na procura intensiva pelo *aço* (para os garimpeiros de Coromandel/MG, o mesmo que diamante). Durante esse tempo predominou o garimpo artesanal e praticamente sem divisão do trabalho. Além disso, baseado nos próprios saberes e na experiência cotidiana construída por anos no garimpo, os próprios garimpeiros faziam (fazem) o reconhecimento da área, do cascalho (se é diamantífero ou não), do solo, disposição do rio, relevo etc., e também movidos pela intuição, imaginários e sonhos.

Portanto, a partir dos anos 90 do século XX o garimpo de diamante manual, com uso de ferramentas rudimentares como pá, picareta, enxada, peneiras e a lavagem do cascalho nas margens de rios ou em lavadeiras improvisadas, está sendo metamorfoseado diante do processo de modernização da atividade e ação de empresas. Ampliação das leis ambientais e trabalhistas, interdição de garimpos e o conseqüente desemprego para centenas de garimpeiros, mecanização, envelhecimento dos sujeitos e abandono da atividade, implementação da racionalidade técnico-científica, organização dos garimpeiros em cooperativas e controle dos registros de subsolo por empresas transnacionais são algumas das mudanças verificadas. Entender esse processo nos remete a compreensão do território enquanto expressão material e imaterial da apropriação do espaço, por isso, carregado de lutas, conflitos e disputas, mas, também de símbolos, significados e relações. Além disso, a leitura geográfica do território não deve ser feita prescindida do poder, interesses e ao mesmo tempo, a partir das possibilidades transformadoras.

A leitura geográfica e compreensão da (re)organização do território e do trabalho como processo dialético nos garimpos de diamantes conta com a orientação teórico-metodológica da *Geografia do Trabalho*, que tem construído novos referenciais para que possamos analisar com maior profundidade o mundo do trabalho, cada vez mais fragmentado e precarizado, em suas múltiplas expressões territoriais. A partir da centralidade do trabalho e sua processualidade social, enquanto essência criadora do homem na luta por sua existência percebe-se que a apropriação do espaço e produção dos territórios se dá através da ação humana, resultando em novas

configurações territoriais, na medida em que o próprio trabalho e sua forma de ser, sofre mutações. Na pesquisa em Coromandel/MG isso pode ser percebido através das relações de produção e trabalho nos garimpos de diamantes. Nesse processo, os territórios se (re)organizam e o trabalho se metamorfoseia dialeticamente.

O REGISTRO DAS EXPRESSÕES FENOMÊNICAS NO GARIMPO DE DIAMANTES: *a vida pode mudar com a vira da peneira*

Ainda é de manhã, eu tinha acabado de chegar ao garimpo e um “garimpeiro antigo”, como afirmam, começa a dizer que sonhou na noite anterior com mulheres e crianças andando desinquietas dentro de sua *cata* (escavação feita pelos garimpeiros nos terrenos diamantíferos para extração de cascalho), apontando o dedo para o cascalho. Em outro sonho, diz ter visto uma luz pairando sobre o garimpo e que desceu até ao seu *serviço* (local onde exerce o trabalho na cata e lavadeira de cascalho). Lembrei-me da conversa com outro garimpeiro que em seu sonho diz ter visto quarenta (40) carneiros dentro da *cata* e um maior encima do barranco, olhando para os outros. Explica que esses sonhos têm significado, é porque deu numa *mancha de diamantes* (quando, em um mesmo local é encontrado muitos diamantes) e dessa vez tirará sorte grande. Para esse garimpeiro, o sonho não costuma a mentir, é uma indicação positiva, diz com ansiedade em lavar o cascalho. Se o sonho informou bem, a peneira tira a dúvida e o garimpeiro *bamburra* (quando encontra diamante e ganha muito dinheiro com sua venda). No garimpo é assim, “*a vida muda de repente com a virada da peneira*”.

Após tomarmos um café feito numa *trempa* (fornalha) improvisada, o garimpeiro vai até a um *girau* feito com varas de bambu, pega o *picuá* e o coloca no bolso da camisa. Ele explica que o *picuá* é uma espécie de porta-diamantes, uma peça oca onde o garimpeiro guarda o diamante. O seu é feito de canela de lobo e ainda diz que, além do *picuá* da canela do bicho, tem guardado um pedaço de couro do lobo pra dar mais sorte no garimpo. O *picuá* também pode ser feito com um pedaço de bambu, chifre ou cano, com o fundo e a tampa de madeira. Esse garimpeiro nos informa que pelo próprio tamanho do *picuá* é capaz de identificar se o sujeito vai encontrar diamante grande ou não. Se o *picuá* é bem feito e com o orifício largo o garimpeiro tem risco de “pegar” diamante grande, se é pequeno e estreito, ele arrisca a garimpar apenas *xibiu* (diamante pequeno, normalmente inferior a 3 Quilates). Nos garimpos de diamantes a realidade material e imaterial se imbrica e permeia a vida e o trabalho cotidiano dos garimpeiros.

O garimpeiro vai novamente até ao *girau*, pega um saco com três peneiras dentro e as coloca nas costas. Deixamos o rancho e começamos a caminhar lentamente para o seu *serviço*

(cata e lavadeira de cascalho), ainda conversando sobre os sonhos da noite anterior. Os sonhos são um dos principais indicativos para que esse garimpeiro persista em sua atividade. Conta que já teve caso de garimpeiro sonhar que tinha diamante no cascalho debaixo das raízes de uma gameleira, escavar debaixo e tirar o cascalho, acreditando que realmente pegaria o “diamante do sonho”.

Os garimpeiros atribuem significados diversos a seus sonhos. “*Sonho com vaca parida, carneiro, mulher pelada, mulher vestida de noiva e criança dentro da cata é diamante no picuá, pode garimpar sem medo*”, diz um garimpeiro. Também diz que tem os “*sonhos da mal sorte. Se estiver garimpando e sonhar com sal, pé de pimenta ou árvore seca perto da cata, aí pode sair fora do serviço porque não tem diamante*”. Para uns, sonho de garimpeiro é apenas ilusão, para outros não tem erro, se sonhou o *bamburro* é certo. ***Sonho de garimpeiro é diamante no picuá.***

Com uma trajetória de mais de trinta anos no garimpo, de cabelos brancos, costas encarquilhadas, as marcas de uma vida de trabalho duro são expressivas na face desse garimpeiro. Diz-nos que já pegou muitos diamantes, gastou com mulheres, bebeu muita pinga, adquiriu carro zero e chegou a comprar até fazenda, mas hoje não tem mais nada. “*A água deu a água leva*”, afirma metaforicamente. Sempre acreditou que voltando para o garimpo pegaria mais diamante e ganharia muito dinheiro novamente. Atualmente, clama que “sofre de dor de escadeira”, tem “bico de papagaio”, mas mesmo aposentado e com dores constantes persiste trabalhando no garimpo, acreditando que ainda se enriquecerá.

Ao chegar na *cata*, ela já estava *desmontada* (retirar a terra por cima do cascalho diamantífero e extraí-lo para posterior apuração) e o monte de cascalho estava feito e depositado no *terreiro* (local onde o cascalho diamantífero é amontoado), resultado de uma semana de trabalho, usando apenas ferramentas rudimentares como a picareta, carrinho de mão, alavanca, enxada, enxadão e pá. No dia anterior tinha *surucado o cascalho* (ato de separar o cascalho diamantífero do rejeito na peneira de malha mais grossa, chamada pelos garimpeiros de *suruca*) e separado o cascalho diamantífero do *rejeito* (material não diamantífero). O cascalho estava pronto, era só carregá-lo até a lavadeira e passar na peneira. É interessante a atenção e o cuidado com que o garimpeiro lida com o cascalho, pois diamante tem seu dono, diz, e pode aparecer de uma hora pra outra, até mesmo no meio do cascalho bruto, sem lavar.

De chinelo, chapéu e bermuda, com picaretas no chão ao seu lado e, com uma pá, o garimpeiro enche um carrinho de mão de cascalho para ser lavado, provavelmente pensando que o diamante *lavai* misturado. Cuidadosamente ele carrega todo o cascalho para próximo da lavadeira, aproximadamente quinze (15) carrinhos de mão cheio, média em que alguns garimpeiros conseguem lavar por dia. Agachado na lavadeira e com a água até ao joelho, posição

em que permanece durante todo o dia de trabalho, começa a apurar as primeiras peneiradas de cascalho.

Aparece *forma pura de diamante* (para o garimpeiro são os seixos de rochas que “acompanham” o diamante, ou seja, os satélites dos diamantes), como *palha de arroz*, *safira*, *ferragem*, *grizorte*, *esmeril*, *canjica* (esses são os nomes dos fragmentos de rocha que o garimpeiro diz que “acompanham” o diamante), entre outras. Com cada virada de peneira no *piquete* (onde bate a peneira com o cascalho lavado) o sonho se renova e o garimpeiro fica atento com uma tabinha *cortando a forma* (procurando o diamante no meio do cascalho apurado) na procura intensiva pelo *aço*. Mas, afirma que, quando *sai diamante*, parece uma tocha de luz, *clareia tudo*, e costuma ser o primeiro a ser visto no meio do *piquete*, resultado imediato da virada da peneira.

Depois de lavar aproximadamente cinco (5) carrinhos de cascalho, a tensão do garimpeiro aumenta ao *croá* (quando o diamante aparece por cima do cascalho após a virada da peneira no piquete) um *grinfo* (diamante pequeno, o mesmo que *olho de mosquito* ou *xibiu*) no meio do *piquete*. É um pequeno diamante branco com um *urubu* incrustado (inclusões negras de carbono), explica mostrando-o na palma da mão calejada e meio suja de barro. Leva a pedra até a boca para batizá-la (segundo o garimpeiro isso é para o diamante não sumir), a coloca dentro do *picuá* e continua a lavar o resto do cascalho ainda mais esperançoso.

Pronunciando palavras características do garimpo e de difícil compreensão para quem não é garimpeiro, explica que já pegou diamantes de diversos tipos e qualidades, como *diamante brun*, *estrondado*, *furta cor*, *sal seda* e outros que de tão bom, *parecem um pingo d'água na folha de inhame*. Diz que onde sai *xibiu* pode ter diamante grande. Ainda afirma que já *queimou* (insucesso, quando não encontra nenhum diamante) várias *catas*, mas essa pode ser uma *mancha de diamantes*, como informou os sonhos da noite anterior e assim, continua a lavar o cascalho.

Chega ao fim do dia, apenas com um intervalo de aproximadamente uma hora e meia para o almoço e outros momentos para *tirar umas fumaças* no pito de palha, beber água e café, todo o cascalho foi lavado e ficou só por isso mesmo. O resultado de mais de uma semana de trabalho no garimpo para encontrar apenas um *xibiu*. Explica que não precisa ir longe pra vender o diamante, em Coromandel/MG tem e/ou vai os próprios compradores, chamados de *capangueiros*⁴, mas quem lucra de verdade são “*uns homens de outros países, que levam o diamante e racha o*

⁴ O termo origina-se ainda no século XVIII nas minas diamantíferas de Minas Gerais. No contexto da época, diante do extravio de diamantes, Felício dos Santos (1978, p. 217) diz que “entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores”. Em Coromandel, o termo *capangueiro* é usado para se referir aos compradores de diamantes e, na maioria das vezes são sujeitos residentes na própria cidade ou municípios vizinhos, como Monte

tomate”. Com o dinheiro, diz que comprará mais mantimentos e voltará novamente para o garimpo. A intuição, os sonhos, saberes e sociabilidades se imbricam com a vida e tramas construídas por esse garimpeiro no labor cotidiano da vida e do trabalho no garimpo, fortalecendo a esperança de enriquecimento súbito sustentam a persistência desse sujeito. Para ele (garimpeiro), estar no garimpo significa adquirir fortuna de uma hora pra outra. Diamante tem seu dia, afirma, e esse ainda não foi o seu.

GARIMPANDO A “PEDRA RARA” NO MUNICÍPIO DE COROMANDEL/MG

Se considerarmos os garimpeiros como sujeitos históricos e sociais, que agem sobre o espaço, mantêm relações na sociedade, tem sonhos e constroem saberes, não podemos negligenciar a sua compreensão a partir do universo do trabalho em suas diversas expressões. É através do conteúdo das relações sociais mediadas pelo trabalho estabelecidas no garimpo e na sociedade que propomos a análise dos garimpeiros de Coromandel/MG, não se limitando às determinações de ordem econômica, mas que contemple outras racionalidades além da lógica do capital e do modelo epistemológico propagado pela ciência moderna, que considere os aspectos culturais, simbólicos, os saberes, a religiosidade, o vivido, as subjetividades e os pertences desses sujeitos como conhecimento. Em Coromandel/MG, a garimpagem de diamantes é expressiva, por isso, os garimpeiros, sempre acreditando na possibilidade de encontrar a *pedra rara* (diamante), são sujeitos que dinamizam culturalmente e socialmente o movimento da realidade contraditória nesse município.

Encontrados nos arredores do Arraial do Tijuco (atual Diamantina), em Minas Gerais no início do século XVIII, os diamantes fizeram dessa área um território de interesses, aventuras, fugas, exploração, escravismo, controle, contrabando e riqueza adquirida da noite pro dia ou miséria e fome convivendo lado a lado com a fortuna. Para Reis (1959, p. 11) a história dos diamantes em Minas Gerais “borrou” páginas e páginas de sangue e lama, “sangue dos descobridores e desbravadores das selvas pátrias, dos exploradores e dos garimpeiros, e a lama dos rapaces aproveitadores do trabalho e do esforço dos infelizes aventureiros da fortuna”. Pedras usadas por milionários foram garimpadas através do trabalho pesado de garimpeiros que passavam (passam) o dia inteiro ao sol ou chuva, misturados numa água barrenta lavando

Carmelo, Uberlândia, Patos de Minas e Patrocínio. Além disso, geralmente formam uma trama de acordos e contatos entre si ou com grandes compradores de centros maiores.

cascalho na esperança de garimpar a “*pedra rara*” ou “*pegar a misteriosa*”, como disse um garimpeiro entrevistado no município de Coromandel/MG.

Desde o século XIX o município de Coromandel/MG se tornou uma das principais áreas diamantíferas de Minas Gerais e do Brasil. Além disso, Coromandel/MG é mundialmente reconhecido pela descoberta periódica de diamantes “gigantes”, ou seja, os de peso superior a 100 quilates. Como expõe Andrade e Chaves (2009, p. 1), “a região de Coromandel é conhecida de longa data pela expressiva produção de grandes diamantes, muitos com mais de 100 quilates, representando a região brasileira onde a maior parte desses diamantes ditos “gigantes” foram descobertos”.

Os diamantes contribuíram para que Coromandel/MG ganhasse reconhecimento internacional e por isso, é chamado de *Coromandel dos diamantes* (ou *Terra dos diamantes*). Com uma população de 27.551 habitantes (IBGE, 2010), o município já contou com aproximadamente 3.000 (três mil) garimpeiros relacionados diretamente com a garimpagem, antes de passar pelos processos de interdição no decorrer da década de 90 do século XX e na primeira década do século XXI. Isso demonstra que o garimpo de diamante é uma atividade de destaque. Conforme as próprias palavras de um garimpeiro, “*quando era tudo liberado, o garimpo empregava muita gente em Coromandel*”, gerando renda e fortalecendo o comércio na cidade.

A influência que o garimpo de diamantes exerce sobre Coromandel/MG pode ser percebida na Tabela 1. Com base em Barbosa (1991), Rocha e Nunes (2008), apresentamos a relação de alguns dos grandes diamantes extraídos no município a partir do início do século XX, com destaque para as pedras com mais de 100 quilates (em sua maioria). Isso, sem esquecer que a falta de controle e a informalidade que perdurou sobre a atividade, fez com que muitos diamantes fossem encontrados e ganharam o caminho da obscuridade ou ilegalidade.

Tabela 1: Alguns dos maiores diamantes extraídos no município de Coromandel/MG.

Diamantes de Coromandel/MG	Ano de extração	Peso em Quilates
Sem nome	1905	53,0
Presidente Vargas	1938	726,7
Darci Vargas	1939	460,0
Sem nome	1940	428,0
Sem nome	1940	400,5
Diário de Minas	1941	375,0
Vitória I	1942	261,0
Vitória II	1943	328,0
Bonito I	1948	346,0
Presidente Dutra	1949	408,0
Bonito II	1940/1950	90,0
Vargem	1940/1970	110,0
Charneca II	1971	107,0
Charneca III	1971	105,0
Cor de Rosa	1982	277,0
COOPERGAC I	2007	139,36
COOPERGAC II	2007	21,93
COOPERGAC III	2007	263,13

Fonte: Barbosa (1991), Rocha e Nunes (2008).

Como é possível perceber através da Tabela 1, a garimpagem em Coromandel/MG se destaca pela produção de diamantes “gigantes”, com grande percentual de pedras com mais de 100 quilates. Ainda, as décadas de 30 e 40 do século XX, podem ser consideradas o *período áureo* na história dos diamantes no município, com extração dos maiores diamantes brasileiros, como a pedra que ficou conhecida como Getúlio Vargas (em homenagem ao presidente do país no ano de sua extração, ou seja, 1938), e que pesou 726 quilates.

O garimpo de diamantes foi um dos principais elementos relacionados com o surgimento de diversos municípios que compõem o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, quando ainda no século XIX, atraiu aventureiros, garimpeiros a procura de riqueza neste vasto território dos “*sertões mineiros*”. Estrela do Sul, Douradoquara, Grupiara, Romaria, Abadia dos Dourados e Coromandel, por exemplo, surgiram encimadas em cascalhos diamantíferos, se formaram influenciadas por aqueles que buscaram nas terras desses municípios, a riqueza que poderia surgir facilmente (e realmente surgiu) através do garimpo de diamantes. Desta forma, o papel desempenhado pelo garimpo e como esse fenômeno se apresenta no tempo e no espaço, ainda influencia significativamente a vida cotidiana, trabalho, cultura, saberes construídos e também a economia dos municípios de tradição garimpeira, tendo Coromandel/MG como o principal deles.

As primeiras informações sobre o processo de formação do município de Coromandel/MG datam do início do século XIX, nessa época ficou conhecido como Arraial de Santa Ana do Pouso Alegre. Entre os primeiros habitantes, destacaram aqueles que, em busca de riquezas prometidas nas vastidões do território mineiro, foram incentivados a expandir o processo de ocupação do interior de Minas Gerais no decorrer do século XIX. Com o passar dos anos, o garimpo de diamantes não deixou de prometer fortunas e continuou sempre a renovar o imaginário dos garimpeiros, quando grandes pedras foram encontradas periodicamente. Desse processo, o município de Coromandel/MG se tornou um dos mais relevantes produtores de diamantes em Minas Gerais e no Brasil.

Além dos garimpos de diamantes, a pecuária se desenvolveu nos “*rincões coromandelenses*” no século XIX, produzindo e carreando boiadas para outras regiões e cidades de Minas (Paracatu, Patrocínio etc.) e para o Estado de Goiás, dinamizando o movimento da vida e do trabalho. As viagens e carreadas não levavam apenas gado e produtos, mas também imaginários, sonhos, estabelecendo contato com outros sujeitos, esparramando notícias, histórias, lendas, falando sobre os diamantes e possivelmente atraindo novos aventureiros e garimpeiros que se extraviaram para os rumos de Coromandel/MG.

A possibilidade de adquirir fortuna *de uma hora pra outra* com a extração dos diamantes em Coromandel/MG alimentou (alimenta) o sonho de fazendeiros, empresários, comerciantes, camponeses, garimpeiros etc., que passaram a “*arriscar a sorte*” através do garimpo. Com isso, pobres se enriqueceram, ricos ficaram mais ricos, garimpeiros gastaram fortunas e hoje não tem mais nada, outros compraram fazenda, lotes, construíram prédios, casas e ainda continuam investindo no garimpo. Além disso, o garimpo de diamantes continua impregnado no imaginário popular, nas histórias, causos, nomes de lojas e emissora de rádio, nas conversas cotidianas, nas lembranças de tempos passados ou no desejo de um dia ainda tentar o *bamburro* através do garimpo. Para Machado (2010, p. 96),

O garimpeiro parece ter o espírito da garimpagem no sangue. Desde os tempos antigos, a mania do garimpo está arraigada na mente do nosso povo. Cada um já deu uma parcela na solidificação dessa imagem. Uns sendo garimpeiros, aqueles que trabalham nas lavras, nas catas. Outros sendo fornecedores ou sócios do meia praça, aquele que sustenta o garimpeiro, como parceiro e sócio, com porcentagem no diamante que for achado. Por último, os compradores das pedras: os capangueiros.

Com uma dinâmica distribuição espacial, os terrenos propícios ao desenvolvimento da atividade garimpeira de diamantes estão disseminados pelos aluviões de rios e córregos que drenam o município de Coromandel/MG. De acordo com Benitez (2009) o município de

Coromandel/MG é drenado por rios como Douradinho, Santo Inácio, Santo Antônio do Bonito, Preto, da Estiva, da Força e Verde, que coincidem com as áreas de garimpo. Delas, atualmente os garimpos na Comunidade de Santo Inácio se destacam, considerando a atuação de garimpos mecanizados e manuais, ambientalmente legalizados através da COOPERGAC. Diante da atuação da Cooperativa no garimpo de Santo Inácio, garimpeiros manuais e mecanizados acreditam na sorte e ainda persistem no garimpo, num território marcado por temporalidades que se imbricam. Além disso, a modernização da atividade e atuação de empresas contribuem para o processo de (re)organização do território e do trabalho no garimpo.

(RE)ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E DO TRABALHO NOS GARIMPOS DE DIAMANTES

Conforme Engels (2004, p. 11) o trabalho “[...] é condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”. É através do trabalho que o ser social toma forma, por isso, ele está no centro do movimento de humanização do homem, sua hominização criadora e luta pela existência. Contribuindo para as reflexões sobre o trabalho, Marx (2004, p. 4) afirma que o processo de trabalho deve ser considerado inicialmente independente de qualquer forma social determinada.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Pressupomos o trabalho, numa forma em que pertence exclusivamente ao homem.

O trabalho, assim compreendido se concretiza no decurso da relação sociometabólica entre a atividade humana e a natureza, através da ação do ser social. É seguro afirmar que através do trabalho a tecitura da sociedade e da natureza vai sendo (re)construída a partir das mediações de ordem dialética, (re)organizando constante e contraditoriamente o espaço geográfico, num movimento em que o trabalho também sofre mutações.

Propõe-se a abordagem do garimpeiro enquanto ser social e histórico, que participa das múltiplas tramas, racionalidades e significados que dão sustentação ao trabalho no garimpo de diamantes, em um movimento que se dá por dentro da sociedade contraditória e desigual. Isso, sem perder de vista a centralidade do trabalho enquanto atividade ontológica do ser social. Como

afirma Thomaz Júnior (2002), ontologicamente prisioneiro da sociedade, o trabalho, em todas as suas dimensões é a base do auto-desenvolvimento da vida material e espiritual. No processo de auto-realização da humanidade, de desenvolvimento do ser consciente em relação com a natureza, o trabalho é o referencial ontológico da práxis social.

Antunes (2009) afirma que na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência, pela conquista da dignidade, humanidade e felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital. O trabalho define a essência humana, a qual pode ser descoberta em sua existência social e histórica. Na concepção de Kosik (1976) o trabalho é um processo que permeia todo o ser do homem e constitui sua especificidade. Na condição de ser histórico, o homem modifica a si mesmo e à sua organização social através do trabalho. A compreensão do trabalho como tema da Geografia é fundamental para o entendimento da sociedade e suas relações, permitindo apreender os significados, os sentidos e a produção dos territórios através do trabalho.

As relações de produção estabelecidas no garimpo são compreendidas como expressão do trabalho enquanto dimensão da vida dos garimpeiros e condição da sociabilidades são tramadas no labor cotidiano desses sujeitos. Nos garimpos de diamantes, os saberes, a maneira de reconhecer o terreno e o cascalho diamantífero, com base na disposição dos rios, córregos, serras e ainda, a persistência, os sonhos e a esperança são características do trabalho dos garimpeiros no município de Coromandel/MG. Seu trabalho exige um conhecimento prévio da natureza, observando detalhadamente seu movimento, de forma que “a riqueza do ensinamento da natureza é proporcional à ação do homem sobre ela; quanto maior a troca com a natureza, tanto maior o processo de intercâmbio entre os homens”. (SANTOS, 2008, p. 96). Ser garimpeiro exige dele uma relação sociometabólica com a natureza, de troca, apreensão, aprendizado e renovação. Vive sempre esperançoso e atento aos “sinais” da natureza. Um dos entrevistados disse que *“o garimpeiro vive tão cheio de esperança que se ele escutar um passarim é sinal positivo, ele está alegre ali, é do barraco pro serviço, do serviço pro barraco”*.

Durante quase dois séculos de atividade garimpeira de diamantes no município de Coromandel/MG, sempre predominou o garimpo manual e praticamente sem divisão do trabalho, em que o garimpeiro, usando ferramentas rudimentares para a extração e lavagem do cascalho, como peneiras, pá, carrinho de ferro, picareta, enxadão, enxada etc., participava de todo o processo de garimpagem, da escolha do cascalho, sua extração e apuração final.

Além disso, os terrenos propícios à garimpagem são predominantemente caracterizados pela produção camponesa, proporcionando a relação entre o garimpo e campesinato, a vida na terra e da terra e, também o envolvimento de camponeses com a garimpagem de diamantes. Por

isso, muitos sujeitos que já estiveram ou estão envolvidos com a atividade garimpeira também se identificam com o campo, com as sociabilidades camponesas e vivem na terra e da terra. Plantam e colhem roça, criam galinha, porco, vaca e fazem queijo e, através do garimpo procuram concretizar o sonho de achar a *pedra rara* (diamante). Essas características evidenciam a mistura de territorialidades camponesas e garimpeiras presentes na realidade pesquisada. Muitos são camponeses e *trabalhadores da terra*⁵ e historicamente viveram e vivem nas áreas de Cerrado, o conhecendo profundamente.

Nos últimos anos essa realidade tem passado por mudanças, transformando as relações de produção e trabalho nas áreas de garimpos de diamantes. Novas relações de trabalho são introduzidas nos garimpos, como o assalariamento no processo de extração mecanizado, a contratação de serviços de trator, pá mecânica e caminhões no garimpo manual e a combinação entre trabalho artesanal e (semi) mecanizado. O garimpeiro já não é mais um indivíduo solitário e que trabalha apenas com ferramentas rudimentares. Mesmo que o garimpeiro manual continue existindo, não é possível entendê-lo de forma isolada, sem considerar as transformações relacionais de trabalho nas áreas de extração de diamantes como expressão concreta da realidade em movimento.

Além disso, esse novo contexto também se evidencia através dos marcos legais e ações regulatórios que passam a redimensionar a realidade do garimpo no Brasil nas últimas décadas, com efeitos sobre a histórica atividade garimpeira no município de Coromandel/MG. Na Constituição Federal de 1988 está exposto que “os recursos minerais, inclusive os do subsolo” (Art. 20, Inciso IX), são bens da União e, sua lavra ou pesquisa requer autorização ou concessão da mesma (Art. 176, § 1). Ainda, segundo o Art. 174, § 3 o Estado favorece a organização da atividade garimpeira em cooperativas, levando em conta a proteção do meio ambiente e a promoção econômica e social dos garimpeiros. Além disso, de acordo com o Art.174, § 4 as cooperativas passam a ter prioridade na concessão ou autorização para pesquisa e lavra dos recursos e jazidas de minerais garimpáveis onde estejam atuando. Com isso a lei passa a apoiar o cooperativismo e outras formas de associativismo.

Através da Lei Federal 7.805, de 18 de julho de 1989, o regime de matrícula foi extinto e ao mesmo tempo, instituiu o regime de lavra garimpeira. Com isso, acirra-se a marginalização do

⁵ Para Mendonça (2004, p. 29) “são aqueles que exercem o labor na terra e, portanto, possuem no trabalho rural as condições essenciais para a sobrevivência. Compreende os trabalhadores rurais assalariados, nas suas diversas modalidades, camponeses, agregados, parceiros, arrendatários etc., que estabelece o sentido pleno da vida na terra e, em situação de *desfiliação social*, forjam a luta pela terra e pela reforma agrária”

garimpeiro e ainda, destituído do Sistema de Previdência Nacional⁶. Até então (década de 1990), em Coromandel/MG, o garimpo sempre ocorreu sem muita preocupação ambiental e controle dos efeitos socioambiental gerados por essa atividade, praticada por centenas de garimpeiros nas beiras de córregos e rios, em seus leitos e aluviões⁷. Emergiu diante deste contexto a necessária legalização do garimpo e intervenção ambiental.

No início da década de 1990 as ações resultantes dos novos marcos legais e ações regulatórias federais, rebatem sobre o garimpo e os garimpeiros de diamantes em Coromandel/MG. Em 1994, uma operação empreendida pelos órgãos de fiscalização ambiental, coordenada pelo Ministério Público Estadual, multou vários garimpeiros e chegou a levar alguns presos, colocados em ônibus e algemados para a cadeia pública da cidade (Coromandel). Numa entrevista com um dos garimpeiros que experienciou esse contexto, ele disse que *“teve garimpeiro que saiu do garimpo sujo de barro, com o suor do trabalho e algemado”*.

A partir de então, inicia-se um luta movimentada por garimpeiros, políticos e parte da sociedade civil de Coromandel para a legalização do garimpo no município. Reconhecida a importância social, econômica e cultural do garimpo, esse momento estabelece as perspectivas no sentido de fortalecer o cooperativismo e criar uma cooperativa de garimpeiros, esperança cristalizada em 2002. Desde então, a Cooperativa dos Garimpeiros da Região de Coromandel (COOPERGAC) é atuante, possibilitando o funcionamento de garimpos manuais e mecanizados ou o imbricamento entre eles, através de duas Permissões de Lavra Garimpeira (PLGs), licenciadas ambientalmente na bacia do rio Santo Inácio. Somadas as duas PLGs abrangem uma área de 187,6 hectares. Além de garantir a continuidade do trabalho no garimpo para dezenas de garimpeiros, a COOPERGAC toma posição diante da realidade contraditória imposta pelas ações de empresas transnacionais, que passaram a controlar a maior parte dos registros de subsolo no município de Coromandel/MG e Abadia dos Dourados/MG.

Em Coromandel/MG, apenas o grupo *Brazilian Diamonds* (Samsul Mineração, Cobre Sul Mineração e Parimá Mineração) chegou a possuir aproximadamente 66.000 (sessenta e seis mil) hectares de subsolo, gerando apenas especulação, (GARIMPANDO NOTÍCIAS, 2008). Enquanto isso, centenas de garimpeiros que dependiam do garimpo para o próprio sustento,

⁶ Através do Estatuto do Garimpeiro (Lei nº 11.685, de 2 de Junho de 2008), o garimpeiro passa a ser legalmente reconhecido, entendido como toda pessoa física de nacionalidade brasileira que, individualmente ou em forma associativa, atue diretamente no processo da extração de substâncias minerais garimpáveis. Por outro lado, seus direitos previdenciários continuam como necessidade histórica, ainda não conquistados.

⁷ Conforme um garimpeiro entrevistado, era comum eles levantarem na madrugada e ir até ao rio para *“pegar água”* para o consumo no decorrer do dia, porque a lavagem de cascalho em seus leitos fazia com que a água corrente virasse uma *“lama”*, permeando por todo o dia turva.

passaram a viver no campo ou no centro urbano pobremente e esperançosos em voltar a ter a chance ou sorte, como acreditam, de *bamburrar* no garimpo. A COOPERGAC coloca essa contradição no crivo da crítica e denúncia, publicando matérias em jornais e desvendando os interesses apenas especulativos das empresas transnacionais no município, defendendo a legalização do garimpo e garantia do trabalho dos garimpeiros.

O diamante parece ser mágico, misterioso, como disse vários garimpeiros entrevistados, ele ilude, é traiçoeiro, mas também anima o trabalho do “caboco”, disseram. Nos últimos anos, efetivamente a partir das últimas duas décadas, o direito de extraí-lo e a alegria de encontrá-lo tem sido privilégio de poucos no município de Coromandel/MG, mas antes disso, por quase dois séculos, muitos olhos o viram, muitas mãos o pegaram, alguns ficaram ricos, outros continuam pobres e ainda sonham.

Considerando o contexto atual do garimpo de diamantes e a continuação dessa atividade em Coromandel/MG, empenhada pelos garimpeiros, os garimpos na Comunidade de Santo Inácio se destacam. Com o objetivo de entender as relações de produção e trabalho nos garimpos de diamantes, as áreas de garimpo em Santo Inácio permitem capturar o movimento dessa realidade. Furando uma *cata* aqui, outro ali, em alguns acham *xibiu* ou “pedra grande”, mas também *queimando* muitas (quando não encontram diamante), a dispersão das *catas* pelo terreno a céu aberto é uma das características fundamentais dos garimpos aluvionares, como podemos observar no garimpo de Santo Inácio, (Foto 1).

Foto 1: Vista parcial do Garimpo de Santo Inácio. Em primeiro plano, fazendas de pecuaristas e produção camponesa, ao fundo, as áreas de garimpo de diamantes com predomínio de garimpos mecanizados, ocupadas por empresas privadas e pela COOPERGAC. Ainda, no lado direito da foto, plantio de milho para silagem. A foto mostra os diferentes usos da terra e ocupação do território, expressão de diferentes territorialidades.



Fonte: Pesquisa de campo Abr./2011

Autor: FERNANDES GONÇALVES, R, J de A., 2011.

Nos últimos anos essas áreas de garimpos (em Santo Inácio) passaram por intenso processo de transformações, envolvendo diversos elementos como ação de garimpeiros manuais e trabalho em forma cooperada, mecanização da atividade, introdução de novas relações de trabalho, investimentos de capitais privados através de empresas de mineração e também, atuação da COOPERGAC, redundando na (re)organização do território e do trabalho no garimpo. Além disso, a presença de sociabilidades camponesas e sua relação com o garimpo, a luta para permanecer na terra, produzindo ou garimpando, suscitou o interesse em compreender as áreas de exploração de diamantes.

A organização do território no garimpo de Santo Inácio, expressa um conjunto de formas e conteúdos, elementos e temporalidades que se relacionam. Além do garimpo de diamantes mecanizado e manual, trabalho autônomo ou conjugado com o assalariamento e a ação da Cooperativa de garimpeiros, outras atividades como as fazendas de criação de gado leiteiro (pecuaristas tradicionais) e produção camponesas são características que tornam esse território dinâmico e híbrido.

Além disso, ao mesmo tempo em que a territorialização do garimpo mecanizado se destaca, com estudos geológicos, uso de equipamentos modernos, maquinários como tratores, caminhões e retro escavadeiras, garimpeiros manuais continuam lavando o cascalho em lavadeiras improvisadas (Foto 2), com uso de ferramentas como peneiras, pá, carrinho de mão e com pouca divisão do trabalho.

Foto 2: Lavadeira de cascalho diamantífero e ferramentas utilizadas pelos garimpeiros manuais no garimpo de Santo Inácio no município de Coromandel/MG.



Fonte: Pesquisa de campo Abr./2011

Autor: FERNANDES GONÇALVES, R, J de A., 2011.

No garimpo, enquanto ex-garimpos manuais passam a se assalariar no garimpo mecanizado como operadores de máquinas, cozinheiros, mecânicos etc., outros continuam no garimpo manual (na pesquisa de campo observamos que possuem acima de 40 anos), trabalhando de forma autônoma (alguns contam com o dinheiro de aposentadoria) ou através de relação de parceria com *fornecedores*⁸. Também verificamos aqueles que em determinado momento do dia (manhã ou tarde) se dedicam ao garimpo e em outra trabalham como assalariados, diaristas em demais atividades, evidenciando a plasticidade do trabalho nas áreas de garimpo.

Nas áreas de garimpo de diamantes em Santo Inácio, no município de Coromandel/MG, os espaços não são homogêneos, diferentes elementos e variáveis estão em permanente relação, formando uma dialética de espaço/tempos nos garimpos. Através da pesquisa de campo verificamos o imbricamento entre trabalho manual, mecanizado e semi-mecanizado, cooperativas e empresas privadas, assim como velhas e novas relações de trabalho no garimpo de diamantes, como o assalariamento, parceria, fornecimento, trabalho familiar, autônomo e cooperado.

A modernização do garimpo se intensifica como forma de enfrentar o esgotamento das jazidas e garantir maiores resultados, empenhando o investimento de capitais privados mediante atuação de empresários nos garimpos. A adoção do progresso técnico e tecnológico também implicou na (re)organização do território e dos trabalhadores no garimpo, como as novas relações contratuais e atuação de novos sujeitos e categorias de trabalhadores, como geólogos, engenheiro de minas, operadores de máquinas, administradores etc., resultando na divisão técnica, especialização e conseqüentemente, fragmentação e complexificação do trabalho.

Por outro lado, desde os anos 90 do século XX, garimpos ilegais em terrenos onde predominava a atividade garimpeira manual de diamantes estão paralisados, como os garimpos de Douradinho. Com isso, muitos camponeses e garimpeiros continuam na terra, vivendo do que produzem para o auto-consumo ou de aposentadoria, alguns ainda são empregados pelos fazendeiros próximos, trabalhando por dia ou *pegando empreita* (bater pasto, fazer cerca etc.). Igualmente, outros sujeitos vão para a cidade, os que não estão desempregados se empregam no comércio, laticínios, inserção no trabalho informal, resultando em diferentes atividades laborais, também como serventes de pedreiros na construção civil, capina de quintais como diaristas, catadores de materiais recicláveis, venda de salgados e ainda assim, aguardam a “reabertura” do garimpo ou ampliação das áreas legalizadas através de cooperativas, o que tem sido um desafio.

⁸ Sujeitos que estabelecem relação contratual com o garimpeiro, geralmente apenas com base na palavra, em fornecer alimentação, ferramentas ou um salário mensal, enquanto o garimpeiro (mão-de-obra explorada) trabalha no garimpo. O resultado do trabalho, ou seja, o diamante encontrado é vendido e os lucros são divididos de forma equivalente entre o fornecedor e o garimpeiro.

Os “*velhos garimpeiros*”, através da memória dos tempos no garimpo, dos diamantes que encontraram, da pureza e beleza das pedras, agora com passos cansados, andando lentamente, olhando para baixo, onde o negro do asfalto não são como as curiosas *formas* (seixos de rochas identificados pelos garimpeiros e, segundo eles, permitem identificar o cascalho diamantífero) de cascalhos que conhecem apuradamente, de todas as cores, onde procuravam os diamantes de outrora.

Nas entrevistas com alguns desses sujeitos, alguns doentes, encurvados pelo tempo e garimpo, ainda alimentam o sonho de enriquecimento através da garimpagem de diamantes. Para esses garimpeiros, estando no garimpo a incerta e sutil virada da peneira muda a vida de repente. Numa das entrevistas com um garimpeiro de aproximadamente 70 anos foi dito que sua esperança renasce todo dia, ela não acaba. “*Você deita hoje, sonhou a noite com o garimpo, e acorda ainda mais esperançoso. Os garimpeiros de verdade, as peneiras deles estão até apodrecendo, enferrujando, mas eles não têm coragem de jogar elas fora*”. O sonho é que a qualquer dia o garimpo possa abrir. “*Se abrir a garimpeirada está caminhando pra trás, pros garimpos*”, afirmou esse sujeito. Para esse e outros garimpeiros o sonho não acabou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações em movimento nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG, demonstram que os territórios são constantemente (re)organizados, resultado do trabalho humano, que também sofre mutações no mesmo processo dialético. A leitura geográfica dos territórios nas áreas de garimpos de diamantes evidencia uma nova dinâmica que perpassa a realidade no município, animando relações solidárias ou conflitantes, vivenciada pelos trabalhadores no garimpo.

O garimpo de diamantes permeia o âmbito social, econômico, político e cultural no município de Coromandel/MG. Além disso, muitas das pedras de diamantes que brilham incrustadas em coroas, anéis e brincos, refletindo luxo e riqueza de famílias, madames e princesas européias, conheceram o suor no rosto e as mãos calejadas de garimpeiros, o barro e cascalho das *catas* e *lavadeiras*, o peso das picaretas, enxadão, pás e peneiras carregadas de cascalho nos garimpos. A *terra dos diamantes* é sempre lembrada, mas, e os garimpeiros? Eles são igualmente narrados nas palavras emocionantes daqueles que tecem histórias de Coromandel e seus diamantes? Quem “arrancou” das entranhas da terra, com seu trabalho e persistência, a maior parte dessas pedras tão raras?

Depois de vários anos nos garimpos (ou na terra) e garimpendo várias pedras, muitos garimpeiros continuam pobres, solitários e esquecidos, seja no campo (aqueles que também são camponeses) ou na cidade de Coromandel/MG. Depois de deixar a terra/garimpo, camponeses e garimpeiros, têm na memória da terra ou do garimpo, as sociabilidades que permeiam a produção camponesa e a atividade garimpeira, como elementos que se misturam na produção da existência desses sujeitos no município. Tivemos a oportunidade de conhecer e conversar com diversos desses sujeitos e, através dessa pesquisa procuramos publicizar essas experiências.

A (re)organização da atividade garimpeira nas últimas décadas, com rebatimentos sobre os territórios e o trabalho dos garimpeiros, constitui-se como expressão concreta da realidade em movimento. Questões como o fortalecimento das leis ambientais e trabalhistas, empresas transnacionais controlando o subsolo, mecanização do garimpo com atuação de empresas mineradoras, ações de cooperativas de garimpeiros e os sonhos dos “velhos” garimpeiros em voltar para o garimpo demonstra que o devir do real é dialético e contraditório. Isso evidencia que a leitura geográfica das expressões fenomênicas da realidade revela que os territórios são eivados por conflitos, disputas e interesses, mas, também por sonhos, esperanças e possibilidades transformadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, K, W.; CHAVES, M, L, de S. C. Geologia e redistribuição sedimentar pós-credácica dos depósitos diamantíferos da região ao sul de Coromandel/MG. **Geonomos**, v.1, n.17, 2009. p.27-36.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BARBOSA, O. **O diamante no Brasil**: histórico, ocorrência, prospecção e lavra. Brasília: Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, 1991.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL (1967). Decreto de Lei nº 227, de 27/02/1967, Diário Oficial da União de 27/02/1967. Código de Mineração.
- BRASIL. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado federal, 1988.
- BRASIL (1967). **Lei nº 7.805, de 18 de Julho de 1989**. Altera o Decreto de lei nº 227, cria o regime de permissão de lavra garimpeira, extingue o regime de matrícula, e dá outras providências.

BRASIL (2008). Lei nº 11.685, de Junho de 2008. Institui o Estatuto do Garimpeiro e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília. 03 de Junho de 2008.

CASTILHO, D. Os sentidos da modernização. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v.30, n.2, p. 125-140, jul./dez. 2010

CATHARINO, J. M. **Garimpo, garimpeiro, garimpagem**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, R. (Org.) . **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.11-28

FELÍCIO DOS SANTOS, J. **Memórias do Distrito Diamantino**. 4.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

FERNANDES GONÇALVES, R. J de A. **Garimpeiros e diamantes: a vida pode mudar com a virada da peneira**. 2010. In: XI JORNADA DO TRABALHO, 2010. João Pessoa, Anais... João Pessoa: UFPB-PB. 1 CD-ROM

HAERSBAERT. R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MACHADO. **Uma vida**. Editora Ituiuba Ltda: 2005. 98 p.

_____. **Minha terra, minha gente**. Belo Horizonte: Artha Comunicação, 2010. 160 p.
Leonan de Azevedo Pena. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 233 p.

MARTINS, J de. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2008.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 571 p.

_____. Processo de trabalho e processo de valorização. In: ANTUNES, R. (Org.) **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.29-56

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PÓVOA NETO, H. **No caminho das pedras: itinerários na formação da mobilidade garimpeira em Goiás**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, E. **Os grandes diamantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Produção Mineral, Boletim n.191, 1959. 67 p.

ROCHA, D. M.; NUNES, H. A. F. Coromandel: 40% do Brasil. In: **Garimpando Notícias**, Coromandel, jan. 2008, n.1. p. 2.

ROCHA, D. M.; GONÇALVES, C. R. Garimpeiro que “pegou” a pedra “Getúlio Vargas”. In: **Garimpando Notícias**, Coromandel, mar.2009. p. 4.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**. 5.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 5.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Por uma geografia do trabalho**. Barcelona, 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocritc/c4-athoy.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

_____. Desafios teóricos para a Geografia do trabalho no século XXI. 2009. In: THOMAZ JÚNIOR, A.; FRANÇA JÚNIOR, L. B. (Orgs). **Geografia do Trabalho no século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, 2009. p.162-217.